

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Cristina Mara França Pinto Fonseca¹

RESUMO

A proposta deste estudo surgiu a partir dos textos estudados sobre a Aquisição da Linguagem, de diferentes olhares como o da teoria gerativa/chomskiana e o da psicolinguística sobre a aquisição da linguagem. Percebe-se a relevância de se pesquisar o trabalho dos estudiosos e de suas implicações para entender como este processo se desencadeia na mente da criança, mais especificamente de zero a três anos; uma vez que a aquisição da linguagem pode ser considerada como um universo linguístico e que merece maior atenção e rigor científico, pois compreender a aquisição da linguagem permite ao ser humano um desenvolvimento de sua capacidade, habilidade e de desempenho linguístico e comunicativo. Assim, questiona-se: quais são as contribuições dos autores enfocados, nesse trabalho, para o estado da literatura? Como é que se processa a aquisição da linguagem? O objetivo é analisar e discutir as contribuições, teorias, métodos e experimentos dos autores de cunho racionalista e racionalistas empiristas sobre a aquisição da linguagem pelos bebês, de zero a três anos. A partir do descortinamento das propostas desses autores para o entendimento sobre o processo de aquisição da linguagem, poderão surgir novas ideias e propostas que poderão contribuir para a expansão e desenvolvimento da aquisição da linguagem, o que justifica-se este estudo.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Psicolinguística. Teorias. Teoria gerativa.

1 JUSTIFICATIVA

A proposta deste estudo surgiu a partir dos textos estudados sobre a Aquisição da Linguagem, de diferentes olhares como o da gerativista/chomskiana e o da psicolinguística sobre a aquisição da linguagem. Estes autores apresentam teorias recentes, métodos e hipóteses. Levando-se em conta que estes cientistas tentam entender como o bebê, ser ainda não falante se torna falante de uma língua a que ele é exposto. Percebe-se a relevância de se pesquisar o trabalho destes estudiosos e de suas implicações para entender como este processo se desencadeia na mente da criança, mais especificamente de zero a três anos; uma vez que a aquisição da linguagem pode ser considerada como um universo linguístico e que merece maior atenção e rigor científico, pois compreender a aquisição da linguagem permite ao ser humano um desenvolvimento de sua capacidade, habilidade e de desempenho linguístico e comunicativo. As teorias, hipóteses e experimentos aqui analisados terão como intuito de; se, realmente, podem responder ao entendimento de como acontece essa aquisição. Esta inquietação se baseia na complexidade da aquisição da linguagem, nos experimentos e métodos utilizados pelos autores provenientes de áreas com fundamentos racionalistas e empiristas, áreas contrastantes, que buscam entender o que acontece e quando acontece a aprendizagem da linguagem oral pela

¹ Coordenadora do Curso de Letras da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. Docente. Mestre em Letras PUC-Minas. Doutoranda em Linguística do texto e do discurso pela UFMG. crismarafranca@gmail.com

criança. Se conseguiram responder as questões a que eles se propuseram de modo a contribuir cientificamente para o desenvolvimento da linguagem humana. Para tanto, faz-se necessário primeiramente traçar um estudo comparativo entre as teorias do behaviorismo, racionalista e funcionalista, além de focar a linha dos autores de cunho racionalista e racionalista empiristas no desvendamento de como funciona o processo de aquisição da linguagem no cérebro, assim conta-se com os autores, Chomsky (1959, 1988, 1965), Lust (2007), Pinker (2002), Waxmam (2006) Corrêa (2007), Christophe & Gout (2006) e Gleitman (1990).

Este estudo pretende discutir o trabalho dos estudiosos supracitados, levando-se em consideração as limitações do espaço. Busca-se identificar as possíveis semelhanças e contrastes com relação às teorias apresentadas. Se os métodos e experimentos traduzem cientificamente os resultados obtidos e se alcançam, satisfatoriamente, o compreender da aquisição da linguagem por bebês.

É intenção deste estudo, que se ancora nos trabalhos dos autores já mencionados, apresentar as contribuições relevantes para a literatura da aquisição da linguagem para que a partir desse constructo teórico; ações e práticas possam desenvolver, efetivamente, na aquisição da linguagem por crianças com deficiência e no ensino da língua de qualquer criança.

Sabe-se que muitas questões ainda precisam ser respondidas, mas considerando que é um estudo recente, pode-se dizer que com as teorias da aquisição da linguagem, a criança, como sujeito de pesquisa, passa a ganhar um espaço privilegiado; dantes ainda não concebido, o que significa um avanço nos estudos da linguagem. De modo que a linguagem pode ser analisada por suas diferentes interfaces como também os desvios que possam ocorrer na aquisição da linguagem e no aprendizado de uma segunda língua.

Assim, questiona-se: quais são as contribuições dos autores enfocados, nesse trabalho, para o estado da literatura? Como é que se processa a aquisição da linguagem? Existe uma única teoria que dê respaldo cientificamente para que se compreenda o fenômeno da aquisição? Os métodos e experimentos são adequados para explicar como os bebês adquirem a linguagem? Os experimentos possuem realmente rigor científico?

A proposta é analisar o trabalho, as teorias, os métodos e experimentos dos autores já relacionados e a pertinência desses estudos para o desenvolvimento do estado da arte. A partir do descortinamento das propostas desses autores para o entendimento sobre o processo de aquisição da linguagem, poderão surgir novas ideias e propostas que poderão contribuir para a expansão e desenvolvimento da aquisição da linguagem, o que se justifica este estudo.

1.1 Objetivo geral

Analisar e discutir as contribuições, teorias, métodos e experimentos dos autores de cunho racionalista e racionalistas empiristas sobre a aquisição da linguagem pelos bebês, de zero a três anos.

1.2 Objetivos específicos

- a) Investigar como é analisada aquisição da linguagem pelos autores supracitados;
- b) Identificar pontos de interseção entre esses autores;

- c) Analisar se os métodos e experimentos são adequados para a aquisição linguística aos bebês de zero a três anos.

2 O CONTRASTE DAS TEORIAS RACIONALISTA, EMPIRISTA E FUNCIONALISTA

A aquisição da linguagem, tratada por Lust (2007) enfoca diferentes visões que colocam em evidência o problema de como funciona a aquisição da linguagem e que princípios são implementados na mente da criança para que ela adquira a linguagem de uma forma espetacular e que constitui para os estudiosos uma rede complexa de aprendizagem. Só recentemente, este estudo ganhou rigor científico por duas correntes antagônicas.

Segundo Skinner (1953) *apud* Lust, Barbara (2007) “*predizer e controlar o comportamento verbal pela observação e manipulação do ambiente físico do falante*”, sob essa ótica significa que a linguagem acontece por meio de respostas a uma série de estímulos, assim o conhecimento origina-se de um estímulo, resposta condicionada e reforço positivo ou negativo. A esse enfoque, se apresenta a corrente behaviorista ou comportamentalista.

Contrapondo a essa corrente, Chomsky (1959) *apud* Lust, Barbara (2007) afirma que a aquisição de uma língua não pode ser explicada através de resposta a estímulos, uma vez que a criança é capaz de enunciar palavras e sentenças que não consta em seu *input* linguístico. Desse modo, Chomsky pressupõe que o ser humano é dotado de uma faculdade específica – a faculdade da linguagem. Essa faculdade é inata, hereditária, inerente ao ser humano. Assim, identifica um componente da mente/ cérebro que forma a sintaxe – a gramática gerativa. Sendo que esse componente sintático é crucial para a linguagem e determina a ordem das sentenças, gerando sua forma estrutural. Muitos questionamentos se deram com relação ao componente sintático.

Segundo Lust (2007), as abordagens atuais de caráter racionalista prescindem de um modelo de aquisição que possa ser testado por pesquisas empíricas. Para os seguidores deste modelo, os questionamentos que devem respondidos se referem à relação da criança como *input* e a natureza do desenvolvimento da linguagem. A teoria gerativista (TG) reflete uma concepção modular da mente sendo que postula um componente linguístico distinto de outros sistemas cognitivos. A TG compreendia uma fonte de conhecimento, a gramática que está na mente; mecanismo do conhecimento, a Faculdade da Linguagem (FL), biologicamente programada, com a função dupla de prover um sistema de análise linguística e um esquema que determina certos tipos de gramática; hipótese do inatismo, a mente provê um meio de identificar e extrair a informação relevante por mecanismos que são parte de seus recursos biologicamente determinados. (CHOMSKY, 1988a).

Em 1995, Chomsky procedeu algumas reformulações em seu modelo, hipotetizou a existência da LAD (Language Acquisition Device) elaborada de 1.componentes e 2.requisitos. Muitos questionamentos se deram com relação ao componente 2.3 dessa teoria. Em 1975, Chomsky revisou este modelo e concluiu que ele era falso. Em 1980, postula para seu modelo, a concepção da Gramática Universal, GU e a conceitua como “parte de genótipo humano que especifica um aspecto do estado inicial da mente e do cérebro humano”. A GU é uma arquitetura universal de todas as línguas naturais, o que explicaria os universais linguísticos e a aquisição da linguagem nos primeiros anos da criança.

A evolução da Gramática Gerativa se configurou na tentativa de identificar os princípios fundamentais que subjazem ao conhecimento linguístico. A teoria dos Princípios e Parâmetros é um conjunto de princípios universais que determinam a estrutura de todas as línguas e conjunto finito de parâmetros que respondem pela variação entre línguas. Define-se como Princípios, a dependência de estrutura, pois este é o princípio mais fundamental da GU, pois elimina inúmeras possibilidades de computação possíveis. Este princípio faz com que a criança não produza frases impossíveis na língua. Na aprendizagem da linguagem, a criança não só analisa a linearidade da frase, mas também analisa a estrutura da sentença como em i. [*The man] who is in the house]] is happy, ii. Is [the man [who is happy]] at home?*

Os Parâmetros especificam valores predeterminados da variação entre línguas. São mínimos em números e são valorados binariamente; pois dão à criança a capacidade de estabelecer as formas básicas das gramáticas e de fazer conclusões.

A reestruturação da gramática depende, por sua vez, da transformação do *input* em um *gatilho*, isto é, uma evidência positiva da opção paramétrica a ser fixada (por exemplo, a língua ter ordem Sujeito Verbo Objeto (SVO) ou Sujeito Objeto Verbo (SOV). O *estado mental* final é atingido.

De acordo com Lust (2007), as teorias de aquisição continuam a espelhar o contraste dos modelos racionalistas e empiristas. Tanto os modelos funcionalistas quanto os racionalistas buscam entender a interação entre a criança e os dados do input no processo da aquisição, embora cada uma dessas correntes tem posições diferentes em relação à fonte de conhecimento e aos mecanismos de aquisição linguística.

Conforme Lust, as abordagens empiristas procuram explicar a aquisição da linguagem sem atribuir conhecimento abstrato à criança. Assim, o Modelo do Funcionalismo e Competição- (F&CM) postula que a GU pode ser explicada sem o recurso de um “órgão humano da linguagem”. Centra-se na ênfase no aprendizado. A fonte do aprendizado é o dado externo e o mecanismo de aprendizado é por indução. A aquisição da linguagem seria direcionada por correlações entre forma e função. Esse modelo fundamenta-se em uma interpretação do funcionalismo linguístico. Segundo Bates e MacWhinney (1989) “ as formas das línguas naturais são criadas, governadas, restritas, adquiridas e usadas para servir as funções comunicativas. Os fatores pragmáticos têm papel causal e reforçador para a competência linguística. De acordo com Elman (1996), “ não se nega que há um conhecimento inato, porém este é entendido como aspectos de estrutura cerebral, cognição ou comportamento que são produtos de interações internas ao organismo”. No F&MC, a aquisição não é um problema cognitivo, mas perceptual e motor. O desenvolvimento da linguagem é um processo de emergência a partir de conexões.

A abordagem Conexionista possui uma forma de modelagem cognitiva em que o processamento cognitivo é representado de maneira que possa ser implementado por um dispositivo mecânico- computador. Se uma modelagem computacional pode ser usada no aprendizado de um comportamento específico, é possível que ela reflita o verdadeiro processo cognitivo envolvido no aprendizado humano. Algumas abordagens rejeitam totalmente a existência de um componente linguístico simbólico, outras, porém aceitam a existência de alguma instância linguística de representações mentais.

Este modelo ainda não conseguiu responder questões como: extensão do conhecimento gramatical, a relação indireta de criança com os dados, de avaliação

das manipulações necessárias para prover a máquina com programação e, além disso, da validação empírica do fenômeno psicológico escolhido para análises.

Outro modelo citado por Lust (2007) é o de Capacidade de produzir Linguagem (LMC), o qual é munido de princípios universais, mas, diferentemente da Faculdade de Linguagem de Chomsky, esses princípios operacionais são empregados especificamente para o trabalho indutivo sobre estímulos acústicos da língua específica a que a criança é exposta. Tais princípios são perceptuais e de estocagem e produtores de padrões. A proposta é de que a criança é inicialmente dependente de propriedades concretas, perceptualmente salientes da corrente da fala. Neste modelo, o desenvolvimento conceitual é ponto de partida para a marcação gramatical e determina a ordem de emergência das formas gramaticais. Conceitos são combinados em morfemas gramaticais de acordo com afinidades semânticas. Marcadores gramaticais são classificados de acordo com princípios de relevância semântica. Tais princípios operacionais podem ser vistos como suplementares aos princípios da GU, com status intermediário no curso da aquisição (a maior parte desses princípios se aplica a uma unidade linguística – palavra ou sílaba - pré-existente. Dessa forma, se assume que a criança resolveu as bases para a aquisição, isto é, já descobriu as unidades na sequência sonora.

Um outro modelo apontado por Lust (2007) é o de Aprendizado imitativo itempor-item com base no uso: Segundo Tomasello (2000), a criança inicialmente aprende por imitação expressões linguísticas concretas, sem ajuda de princípios linguísticos abstratos. Após, empregam-se as habilidades cognitivas e sociocognitivas de modo gradual para “categorizar, esquematizar e combinar de forma criativa essas expressões. O autor observou que em períodos iniciais da aquisição, não aparecem na fala de crianças paradigmas verbais completos, nem grande número de verbos, porém verbos individuais usados em instâncias particulares. O que indica que a aprendizagem se faz em item a item – Hipótese da Ilha Verbal: “cada verbo forma sua própria ilha de organização dentro de um sistema desorganizado”. Sua proposta incide na inexistência de categorias abstratas. Porém, é necessário o confronto de algumas questões problemáticas, como: quais são os mecanismos cognitivos e sociocognitivos pelos quais as crianças constroem padrões generalizados a partir de itens individuais? Quais são os mecanismos pelos quais a criança passa de uma forma gramatical para uma forma gramatical de conhecimento?

Lust cita também os paradigmas intermediários como o de Piaget o qual demonstrou a insuficiência da interpretação empirista da experiência com uma riqueza de evidências de desenvolvimento. Uma outra questão apontada por Lust é de resolução de tensões epistemológicas na qual deve ser considerada, p. e., o que significa o termo “mecanismo geral de aprendizado?”

Segundo Marler (1981), os organismos são guiados no seu aprendizado por predisposições inatas para o aprendizado” e são pré-programados para aprender certas coisas de determinada forma“. (GOULD; MARLER, 1987). Segundo Marler (1999), “os organismos são programados com instruções genéticas que facilitam a emergência de certos tipos de variações de comportamento ambientalmente contingenciados”. Dessa forma, o inatismo não é incompatível com o aprendizado, o que se deve responder não é se há uma programação específica para a aquisição da linguagem, mas o que ela é precisamente, e como funciona. E não se alguma forma de aprendizado está envolvida na aquisição, mas como ele funciona e por que é tão eficaz na espécie humana.

Através desse esboço, Lust conclui que as teorias racionalista e empirista estão em embate e a teoria Funcionalista baseada no uso e nos modelos se contrastam com a teoria racionalista. Pode-se concluir que a teoria inatista deixa de lado o papel do conhecimento na aprendizagem da língua da criança cabendo a outras teorias nesse estudo, como as teorias cognitivistas e interacionistas.

3 DESCRIÇÃO E EXPLANAÇÃO: TEORIAS, MÉTODOS E EXPERIMENTOS

3.1 Dialogando Pinker e Chomsky

Com a abrangência da Teoria Gerativa, de Noam Chomsky e com a evolução das pesquisas em torno da aquisição da linguagem, novas teorias, métodos e coleta de dados foram aprimorados o que tornou possível acompanhar o trajeto que a criança percorre até atingir o alvo-sua língua materna.

Na busca desse acompanhamento, como a descrição do processo de aquisição linguística e de análises explanatórias, autores como Steven Pinker, Waxman e outros vão tecendo seus estudos para responder as questões de como acontece a aquisição da linguagem.

Assim, Pinker (2002), defende que a linguagem é resultado de parte da atividade cerebral humana e de que se trata de uma capacidade biológica e não cultural, Pinker, no décimo capítulo de sua obra (Órgãos da linguagem e genes da gramática, p. 379 a 424) propõe como são as relações entre o aparato cerebral e a linguagem.

Pinker observa que lesões cerebrais ou más formações genéticas podem interferir no desenvolvimento da linguagem e isso mostraria que órgãos e genes específicos são responsáveis pela faculdade de linguagem. Quando se fala em órgão de linguagem, está se usando uma metáfora; assim como o aparelho reprodutor é formado de órgãos cuja função é a reprodução, no caso da linguagem os órgãos seriam as partes do cérebro que têm a função de processar e interpretar a linguagem. Segundo o autor, é possível que se pense o órgão da linguagem descartando-se, de partida, metade do cérebro, ao se considerar que apenas o hemisfério esquerdo é responsável pela faculdade da linguagem. A teoria de que a faculdade de linguagem se situa no lado esquerdo do cérebro foi formulada pelo médico francês Paul Broca já em 1861 e tem sido comprovada desde então. De acordo com Pinker, a região específica da gramática ainda é desconhecida. As regiões do cérebro nas quais se encontram as habilidades linguísticas responsáveis por nossa fala, compreensão, processamento, também não foram evidenciadas pela falta de tecnologias mais aperfeiçoadas para estudar tais regiões. Para o autor, o armazenamento de informações em cópias espalhadas por diversas regiões do cérebro é mais um fator complicador para esse mapeamento das interconexões das redes constitutivas do córtex cerebral. Pinker demonstra como funcionam as redes de neurônios para computar regras gramaticais.

Em seu texto, cita o exemplo sobre semelhanças entre erros na pronúncia de gêmeos idênticos são apresentadas como indicativo condição genética na linguagem, por não serem apresentadas semelhanças tão acentuadas em gêmeos fraternos. Outros experimentos com pacientes com problemas de linguagem são apresentados para corroborar a existência de genes da gramática.

O autor defende o desenvolvimento da língua como adaptação evolutiva, existindo um vínculo profundo entre aquilo que chamamos de "mente" e o cérebro.

3.2 Estudos experimentos e hipóteses

3.2.1 Como o bootstrapping prosódico interfere na aquisição da sintaxe e do léxico

Embora, as tecnologias ainda não estejam aperfeiçoadas ao ponto de desvendar como ocorre e como funciona a aquisição linguística, estudos e experimentos têm buscado respostas para este questionamento. De acordo com Christophe e Gout (2006), a criança necessita aprender as interfaces da língua como a fonologia, léxico e a sintaxe da língua. Os autores citam Gleitman no sentido de arrolar experimentos que possam comprovar que aprender significados a partir da observação do contexto de uso é uma questão difícil. Segundo Gleitman (1990) adultos ao tentarem adivinhar o significado de verbos, ao assistir a vídeos sem som, nos quais mães se encontram interagindo com os filhos, somente acertam 15% dos casos, mesmo ao assistirem a 06 diferentes situações. Segundo Gleitman o que melhora esse quadro sobre significações é a estrutura sintática. O que põe em evidência o questionamento de: será que o léxico é necessário à aquisição da sintaxe e se a sintaxe é necessária à aquisição do léxico? Estes são uns dos problemas da teoria da aquisição da linguagem, conhecido na literatura como *bootstrapping problem*, problema de desencadeamento ou de inicialização.

Para Christophe e Gout “*um dos prolemas de bootstrapping é a segmentação da fala contínua em palavras. O problema de bootstrapping, então, se apresenta para o bebê: para ser necessário já possuir um léxico para poder aprendê-lo*”. A prosódia, frequentemente, é apontada como uma fonte de informação externa para alguns problemas. Segundo Morgan e Demuth (1996 *apud* CHRISTOPHE; GOUT), o *bootstrapping* fonológico remete à ideia de que os bebês podem depreender alguns aspectos da estrutura fonológica dos dados de sua língua pela análise puramente fonológica dos dados da fala aos quais são expostos.

Segundo Nespó, Guasi e Christophe (1996), bebês podem perceber a ordem relativa entre núcleos e complementos na sua língua com base em informação prosódica, isto é, com base na proeminência relativa das palavras em frases fonológicas, mesmo antes de terem adquirido muitas palavras.

Assim, a proeminência na frase fonológica permite distinguir línguas com núcleo e posição inicial de línguas com núcleo em posição final, como as línguas turca e francesa, respectivamente.

Christophe et al. testaram a sensibilidade dos bebês à diferença entre a prosódia de sentenças em francês e em turco, usaram o procedimento de Sucção Não Nutritiva. Os resultados indicaram que bebês, de 02 meses discriminam entre sentenças do francês e do turco, as diferem quanto à direcionalidade do núcleo e seu correlato prosódico, porém acusam aspectos fonológicos semelhantes. Isso significa há a possibilidade de que bebês podem usar esse tipo de informação prosódica para desencadear aquisição da ordem de palavras na língua.

Outras experiências são demonstradas com relação à segmentação de palavras, segundo Christophe, evidências experimentais demonstraram que bebês são sensíveis à informação relevante e que, em alguns casos, essa informação é realmente empregada por eles na segmentação de palavras. Com relação à segmentação, experimentos mostraram que bebês de (09) nove meses preferem ouvir palavras ou sílabas que constituem exemplo de sequências de fonemas mais frequentes na sua língua nativa (FRIEDERICI; WESSELS, 1993; JUSCZY et al., 1999; JUSCZY; LUCE; CHARLES-LUCE, 1994).

De acordo com Goodsitt, Morgan & Kuhl, 1993; Saffran, Aslin & Newport (1996); Aslin, Saffran & Newport, (1998), "bebês são capazes de distinguir sequências de sílabas frequentes de sequências de sílabas raras a partir da idade dos oito meses.

Christophe & Gout (2006) revelam que bebês também usam seu conhecimento do contorno prosódico típico de palavras isoladas. Finalmente, afirmam que a fala é organizada em uma hierarquia de unidades prosódicas e bebês podem ser sensíveis a fronteiras de unidades prosódicas. Segundo Hirsch-Pasek et al (1987); Jusczyk et al (1992) constataram que bebês aos 4e meio meses de idade, reagem a rupturas entonacionais.

Christophe & Gout (2006) realçam que a maioria dos estudos sobre as habilidades de segmentação de palavras por parte de bebês foi conduzida em inglês. Os mesmos experimentos foram aplicados em bebês franceses. Os resultados demonstraram que o comportamento de bebês franceses e americanos é visivelmente diferente no que diz respeito à capacidade de extrair palavras de sentenças contínuas. Sendo assim, ficou evidente que as estratégias de segmentação de palavras podem variar de uma língua para outra, o que significa que as habilidades de segmentação de palavras parecem variar, distintamente, entre línguas.

Christophe & Gout (2006) apresentaram uma série de experimentos que centra a influência das fronteiras de frases fonológicas no acesso lexical on-line tanto em adultos como em bebês. Levam em consideração que fronteiras de frases fonológicas sempre coincidem com fronteiras de palavras, se as primeiras podem ser detectadas de forma confiável no sinal da fala, elas podem ser exploradas para que a presença de alguma fronteira de palavra seja inferida. (CHRISTOPHE et al, 1994; CHRISTOPHE et al, 1997; 2001).

Nesses experimentos, tanto adultos franceses quanto bebês americanos de 10 meses perceberam fronteiras de frases fonológicas como fronteiras de palavras naturais e não tentaram acessar pares de sílabas que as transpõem. Segundo Christophe et al, a existência de pistas de fronteiras de frases fonológicas pode ser percebida em muitas línguas, de forma que as fronteiras das frases fonológicas parecerem ser bons candidatos à estratégia universal de segmentação de palavras, no entanto isso ainda não foi experimentalmente testado. Christophe e Gout propõem sobre o modo de como as pistas prosódicas podem auxiliar na aquisição de alguns aspectos sintáticos, particularmente, das palavras funcionais que, por sua vez, podem ajudar na aquisição do significado das palavras. Para corroborar tal hipótese, citam o trabalho Gleitman ao demonstrar que, para inferir o sentido de um verbo, é muito importante saber quantos argumentos ele pode admitir (um verbo *dicendi*, p.e., exige três argumentos : o agente, o recipiente e o objeto que é comunicado). Bebês podem ser capazes de contar o número de argumentos em uma estrutura sintática simplificada.

Assim, Christophe & Gout concluíram que parece que a habilidade de bebês perceberem algumas propriedades da estrutura prosódica pode facilitar a aquisição tanto do léxico quanto de alguns aspectos da sintaxe.

3.2.2 Waxman: experimentos- categorias funcionais

Waxman (2006) apresenta vários experimentos com a finalidade de se demonstrar como bebês adquirem palavras novas e fazem distinção entre nome, adjetivo e verbo; e como o papel modelador exercido pelo meio é essencial.

Segundo Waxman (2006), a aprendizagem de palavras está no centro da confluência entre a cognição humana e a linguagem. Bebês humanos, espontaneamente, formam conceitos, de forma a apreender várias relações entre objetos e eventos com que se deparam e adquirem palavras para expressá-los. Para Waxman, esses desenvolvimentos não se dão de forma independente, isto é, desde o início da aprendizagem de palavras os desenvolvimentos conceituais e linguísticos encontram-se fortemente ligados. A autora pretende examinar a origem e o desdobramento desses vínculos.

Para Waxman, as crianças enfrentam a tarefa da aprendizagem de palavras munidas de uma expectativa ampla, universalmente compartilhada. Através dessa expectativa inicialmente ampla permite que crianças vinculem palavras novas (que se aplicam a objetos) àquilo que há em comum entre os objetos por elas nomeados.

Essa vinculação inicial ampla implica três funções essenciais; 1ª- Sustentar a formação de um repertório estável de conceitos; 2ª- Serve de base para os primeiros esforços do bebê no estabelecimento da referência e assim promove as primeiras formas do léxico; 3ª- Cria condições necessárias entre tipos de palavras- p. e. – nomes (substantivos), adjetivos, verbos – e os tipos específicos de relações que denotam, p. e., categorias de objetos, atributos de objetos, ações).

Os vínculos mais específicos não se emergem de uma só vez: 1º: a criança destaca os nomes (dentre as outras formas gramaticais, incluindo adjetivos, verbos, preposições etc.) estabelece correspondência entre estes, e, especificamente, categorias de objetos (dentre outros tipos de relações conceituais possíveis, as quais incluem atributos comuns a objetos de diferentes categorias e ações nas quais estejam engajados).

Para Waxman, esta é uma proposta de cunho desenvolvimentalista, pois investiga a contribuição de: (i) quaisquer disposições iniciais que a criança possa trazer para a tarefa de aquisição da língua; (ii) qualquer influência do meio sobre a forma que o sistema inicial podem assumir. Na aprendizagem de palavras, essa interação entre expectativas iniciais- inerentes à criança e o papel modelador exercido pelo meio é essencial. Para a autora, embora haja a complexidade da tarefa de aprender as palavras, as crianças demonstram habilidade de aprendê-las rapidamente e sem esforço aparente.

Segundo Waxman, como as crianças conseguem essa façanha? Para ela é certo que crianças recolhem informação do ambiente, já que aprendem precisamente as palavras da comunidade linguística que as cerca e os conceitos aos quais são expostas. É também certo que os bebês são guiados por uma efetiva disposição universal para a existência de vinculação entre palavras e conceitos. Isso é importante porque, as línguas diferem em vários aspectos: ritmo, vocabulário, nos meios pelos quais formas gramaticais específicas, p. e., nomes, adjetivos e verbos, são chamados para expressar aspectos semânticos fundamentais.

Entretanto, há uma universalidade impressionante entre as línguas no que diz respeito à taxa e ao tempo de aquisição linguagem em geral e da aprendizagem de palavras em particular. Qualquer teoria de aquisição do léxico deve ser suficientemente restrita para dar conta desses universais diante da variação entre línguas. Mas, ao mesmo tempo, precisa ser suficientemente flexível para acomodar as variações sistemáticas que ocorrem entre elas.

Para que haja a aprendizagem de uma palavra a partir de um contexto, a criança precisa resolver um quebra-cabeça, complicado, composto de três peças: 1º -Segmentar a palavra relevante no fluxo contínuo da fala e identificá-la como nome

no contexto sintático em que se encontra. 2º- Identificar a entidade relevante .3º- estabelecer uma correspondência palavra – mundo entre elas.

Para Waxman (2006), diferentes tipos de palavras colocam em evidência diferentes aspectos de uma mesma cena. Em seus experimentos, ficou evidente que por volta dos 2 a 3 anos, as crianças já demonstram habilidade de lidar com o fato de diferentes tipos de palavras salientarem aspectos semânticos distintos. As crianças: são guiadas quanto à extensão de uma nova palavra por sua forma gramatical. Estendem nomes contáveis a indivíduos e a categoria dos objetos. Estendem sistematicamente os adjetivos a propriedades de objetos. Restringem a extensão de nomes próprios aos indivíduos nomeados. A vinculação entre nomes e categorias de objetos sugere ser uma característica universal, embora em relação a novos adjetivos parece haver uma variação entre as línguas.

Segundo Waxman, todo desenvolvimento cognitivo e linguístico não diz respeito da origem nem da evolução dos vínculos entre as palavras e a organização conceitual. Para examinar essas questões, elaboraram uma série de tarefas experimentais com bebês com o objetivo de detectar a influência de novas palavras sobre a organização conceitual da criança em pontos estratégicos do desenvolvimento. Waxman faz a aproximação de diferentes metodologias para um novo paradigma experimental. Dessa forma, incorpora as características da tarefa de preferência e dos paradigmas de extensão de palavras. Com os objetivos de examinar a evolução das expectativas da criança na aprendizagem de palavras, usando a mesma tarefa por todo o período transitório proposto; investigar se as expectativas iniciais são robustas o suficiente para influenciar o desempenho numa tarefa de extensão. Esse procedimento envolveu 3 fases distintas: familiarização, contraste e teste. Cada criança deveria completar todo o procedimento 4 vezes. Obteve o seguinte resultado: Demonstrou-se que ao apresentar o objeto de contraste, alguns objetos são bons exemplos de categoria-alvo, e outros não.

Esse experimento serviu para que a criança distinguísse os objetos, como objeto de contraste era diferente do objeto-alvo, foi inferido que era garantido não haver nada na fase de contraste que pudesse direcionar a criança quanto à relação existente entre os objetos de familiarização.

As expectativas de Waxman era de que se as crianças comecem o processo de aquisição lexical com uma expectativa geral de que novas palavras de conteúdo (em geral) remetem a aspectos comuns entre objetos (em geral). Assim tanto nomes como adjetivos deveriam colocar em evidência o que há em comum numa categoria de objetos, p. e., animal, quanto o tributo comum a diferentes categorias, p. e., coisas roxas. Se essa expectativa inicial vai sendo refinada à medida que a criança descobre vínculos mais precisos entre formas gramaticais particulares e os significados a elas associados, então um padrão mais específico deveria emergir de crianças com o desenvolvimento mais avançado.

Através desse experimento confirmou-se que crianças no início da aprendizagem de palavras ancoram uma expectativa geral de que palavras de conteúdo (nomes e adjetivos) estão vinculadas a propriedades comuns (tanto baseadas em categorias quanto em propriedades) entre objetos.

No experimento, com 48 bebês de 14 meses, o objetivo era constatar que as expectativas relativas a nomes estariam mais refinadas do que as relativas a adjetivos. Segundo Waxman, o experimento demonstrou que, à medida que o bebê começa a refinar suas expectativas, enfatiza primeiramente o nome dentre outras categorias gramaticais e aplica essas categorias especificamente a propriedades de classe de objetos. Mais tarde, as expectativas específicas que vinculam o adjetivo a

seu significado, são uma conquista subsequente de desenvolvimento e aos 21 meses, bebês restringem a extensão de novos adjetivos a atributos comuns a objetos de diferentes classes e não a propriedades de categorias de objetos.

Assim, Waxman chega a algumas conclusões de que a extensão precisa de nomes a propriedades de categorias de objetos por bebês de 14 meses não pode ser atribuída a característica da morfologia e à posição do enunciado.

Para a questão do desenvolvimento, Waxman examinou as três possíveis respostas obtidas:

1^a- A aquisição lexical inicial seja vinculada por um conjunto de expectativas *a priori*, que vinculam cada tipo de palavra (p.e.: nome, adjetivo, verbo) a um tipo particular de entidades semânticas (p.e.: categorias de objetos, propriedades de objetos, ações).

Para ela, essa possibilidade em sua versão mais forte não se sustenta porque parece que a criança começa o processo de aprendizagem de palavras com um tipo de vinculação semântica considerável mais geral do que a que se pode observar em adultos. Para a autora, uma revisão da literatura comparativa também lança dúvidas, porque o modo como formas gramaticais particulares expressam significados não são universais.

A categoria nome tem uma considerável estabilidade interlinguística, o mesmo não ocorre com adjetivos e outros predicados pois apresentam uma variação muito maior (extensão é como se configuram para expressar significados). Dada essa variação, as crianças não conseguem fixá-las desde o início.

2^a- A 2^a, a tarefa de aprendizagem de palavras das crianças como uma tábua rasa. Essa posição defende que a aprendizagem inicial de palavras como o resultado de mecanismos de atenção não direcionados. As palavras são adquiridas na ausência de qualquer expectativa que direcione o processo e só depois de a criança já ter constituído um léxico de tamanho considerável é que começa a detectar relações entre palavras e conceitos. Essa possibilidade é muito questionada, pois para Waxman, a criança possui fortes expectativas que vinculam palavras e conceitos.

3^a- Para Waxman, há uma interação entre uma expectativa *a priori* inerente ao bebê e o papel modelador do ambiente (estrutura da língua materna). A criança apresenta uma expectativa ampla e universal compartilhada, que vincula palavras a propriedades comuns entre os objetos. Essa expectativa inicial direciona a aquisição lexical e proporciona à criança uma forma de constituir um léxico rudimentar estável. Tendo esse léxico-base, a expectativa inicial ampla é subsequentemente refinada à medida que a criança começa a distinguir as variáveis formas gramaticais da língua e a perceber as correlações entre essas formas e as maneiras específicas com que são convocadas a expressar significado.

Segundo Waxman, essa vinculação inicial ampla serve a três funções essenciais: 1^a- Palavras nomeiam objetos, essa vinculação facilita a formação crescente de categorias e conceitos. Palavras servem de convite à formação de categorias; 2^a- Essa vinculação inicial ampla serve de base para a constituição de um léxico rudimentar estável de correspondências palavra – mundo; 3^a- Essa expectativa inicial ampla é, subsequentemente, refinada à medida que a criança começa a distinguir e a detectar as correlações entre formas particulares e os significados associados às mesmas.

Para que essa evolução possa acontecer, Waxman sugere que o léxico inicial serve de alicerce para duas importantes descobertas: (i) a de que existem tipos de palavras distintos (formas gramaticais) na língua materna do bebê; e (ii) a de que

existem correlações entre essas formas gramaticais e os tipos de significados que elas transmitem.

Essas duas descobertas caminham lado a lado, cada uma delas ajustando-se gradualmente a outra. Assim, a criança em 1º lugar destaca os nomes e os relaciona especificamente a categoria objeto. Quaisquer ligações *a posteriori* se construirão sobre essa base referencial fundamental e serão refinadas em função da experiência com as correlações específicas entre formas gramaticais particulares e os significados associados às mesmas.

Segundo Waxman, pelas evidências apresentadas não se sabe explicar por que a relação nome – categoria é a 1ª vinculação específica a emergir da expectativa mais geral e não se pode ter certeza por que isso acontece.

Há várias posições, (-características acústicas, prosódicas ou sintáticas-saliência dos nomes; -fatores de ordem perceptual e conceitual- representação dos objetos sobre outros tipos de relação).

Para Waxman, essa vinculação, relação nome – categoria, como uma vantagem inicial do nome como um produto de interações essenciais entre a organização linguística e conceitual. De acordo com várias vertentes, na aprendizagem de palavras, crianças em 1º lugar identificam os nomes nos contextos linguísticos a que são expostos e relacioná-los a objetos antes de descobrir as outras formas gramaticais e suas relações semânticas.

3.2.3 Corrêa: A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança

Segundo Corrêa (2007), uma teoria da aquisição da linguagem deve ser capaz de explicar o modo como a criança desempenha a tarefa de adquirir uma língua. Para a autora, é fundamental também para que se entenda quais os comprometimentos no processo de aquisição de uma língua que resultarão em um desempenho linguístico deficitário e/ou em um desempenho precário das tarefas dependentes do conhecimento e do uso da língua. E ainda, pode contemplar aspectos importantes para o entendimento de questões relativas à subjetividade humana, já que a posse de uma língua é indispensável para a constituição do indivíduo como sujeito da fala.

Contudo, a construção dessa teoria é, ainda, apenas um projeto constituído a partir da formulação do problema da aquisição da linguagem como identificação de uma gramática, no contexto da Linguística Gerativista. A principal dificuldade para a realização desse projeto consiste na definição da tarefa da criança ao adquirir sua língua materna.

Corrêa busca demonstrar que desenvolvimentos decorrentes do tratamento do problema da aquisição da linguagem, enquanto um problema lógico, por parte da teoria linguística; e de desenvolvimentos paralelos ou antagônicos por outros campos das ciências cognitivas, começam a convergir de forma promissora, de modo a possibilitar a criação de uma teoria da aquisição da linguagem que seja capaz de explicar esse processo e contemplar previsões ao desenvolvimento linguístico – normal e comprometido.

Essa convergência pode ser delineada, considerando-se três períodos da evolução da teoria da linguagem. Primeiramente, o predomínio do conhecido **Modelo-padrão** (Chomsky, 1965): a tarefa da criança ao adquirir uma língua consiste na aquisição das regras da gramática subjacentes aos enunciados

linguísticos e a formulação da hipótese de uma gramática universal (GU) restringir o conjunto de gramáticas passíveis de serem adquiridas;

Seguindo pela evolução dessa trajetória, apresenta-se o **Modelo de Princípios e Parâmetros** (Chomsky, 1981; 1986): as regras passam a ser vistas como subproduto da operação dos princípios de GU e do valor de parâmetros universais de variação, que cabe à criança fixar mediante experiência na língua.

E num terceiro período, surge o Programa Minimalista (PM) (Chomsky, 1995; 1999; 2001; 2005): a fixação de parâmetros restringe-se ao domínio do léxico e as restrições ao conjunto de gramáticas possíveis passam a ser vistas como decorrentes de imposições das interfaces da língua com os demais sistemas cognitivos chamados a atuar no desempenho linguístico.

A teoria gerativa, ao apresentar um modelo de língua como representação teórica do conhecimento linguístico de um falante, não só contribuiu para a construção de uma ciência cognitiva, como pôs na agenda uma série de questões que vem sendo tratadas, de diversas perspectivas, nos últimos 50 anos.

Dentre estas, pode-se enfatizar: 1 Que propriedades uma gramática gerativa deve ter para ser um modelo empiricamente adequado de línguas naturalmente adquiridas? 2- Como solucionar o problema lógico que a identificação de uma gramática, a partir de um particular subconjunto do conjunto infinito das expressões linguísticas por ela geradas (o qual pode admitir mais de uma gramática compatível), apresenta? 3. Qual a natureza dos dados que se apresentam à criança? 4. De que modo o estímulo linguístico é percebido e representado pela criança? 5. Haveria restrições ao modo como a criança percebe e representa o estímulo linguístico de modo a tornar a aquisição de uma língua factível, no período de tempo em que o processo transcorre?

Para tratar dessas questões, Corrêa, em texto, as trata de forma sintética e leva em consideração três fases da pesquisa em aquisição da linguagem:

1ª. fase: A tarefa da criança como aquisição das regras da gramática;

Quanto à questão 1, a gramática está considerada como modelo da competência linguística do falante, apresentam-se como um conjunto finito de regras específicas de uma língua, as quais operam sobre elementos do léxico, que possuem símbolos correspondentes a diferentes unidades sintáticas definidas hierarquicamente, (NPs, e VPs) por exemplo.

Estudos psicolinguísticos buscam caracterizar os meios com que a tarefa da criança realiza-se, explorando, particularmente a ideia de estratégias cognitivas

2ª. fase: A tarefa da criança como a de fixar o valor de parâmetros universais:

A tarefa da aquisição da linguagem apresenta à teoria linguística um problema lógico com relação à questão (2) – gramáticas gerativas de línguas naturais correspondem a um subconjunto de gramáticas gerativas possíveis.

Além disso, gramáticas gerativas de línguas naturais têm recursividade como uma das propriedades, o que lhes permite gerar número infinitamente grande de expressões linguísticas.

A teoria linguística assume que as línguas naturais constituem informação que faz parte da dotação biológica da espécie, respondendo à questão (5), restringindo o conjunto de hipóteses passíveis de serem feitas a partir dos dados linguísticos.

A teoria linguística assume um aparato para a aquisição da linguagem (*Language Acquisition Device-LAD*), o qual define procedimentos específicos para a

identificação de informação gramaticalmente relevante; assim a criança não parte para a identificação de uma gramática que não tem as propriedades das gramáticas das línguas naturais.

3ª. fase: Parâmetros restritos ao léxico e interpretabilidade plena nas interfaces.

Quanto à questão (3), a teoria linguística parte do pressuposto de que a sequência de unidades do léxico que se apresenta à criança em enunciados linguísticos é não informativa no que diz respeito às regras que as relacionam.

Quanto à questão (5), a ideia de restrições à forma das gramáticas e ao processo de aquisição passa a ser assumida em diferentes contextos. Em relação ao questionamento (2), a teoria busca restrições biológicas específicas da espécie e do domínio da língua, na caracterização da GU.

Quanto ao questionamento (1), a gramática da L1 se apresenta como expressão de princípios universais e do resultado da fixação do valor de parâmetros universais de variação linguística por parte da criança mediante experiência com uma língua em particular.

Essas alterações na concepção de gramática são resultados da tentativa de responder à questão em (2), provendo uma caracterização formal para o que se assume serem restrições em (5), o que define o estado inicial representado por GU.

A língua se apresenta como um sistema cognitivo composto por dois elementos: um sistema computacional linguístico (SCL) universal e um léxico.

Dada essa concepção de língua, os dados que se apresentam à criança, respondendo à q. (3) não são tão opacos quando concebidos originalmente. Estes são resultados de derivações convergentes na computação de expressões linguísticas na produção da fala por falantes nativos de uma dada língua.

A criança não parte de uma sequência de unidades do léxico para a identificação de uma gramática e sim de segmentos que podem corresponder a unidades sintáticas, os quais são segmentados em elementos de classe fechada – elementos funcionais - e classes abertas. O que é gramaticalmente relevante é expresso na interface fônica em termos de padrões regulares e o sistema perceptual do bebê é sensível a esses padrões, como evidenciam pesquisas sob a hipótese do *bootstrapping*, em resposta à questão (4), aquilo que é gramaticalmente relevante torna-se visível para a criança.

Assumindo-se uma disposição natural para o estabelecimento de relações entre som da fala, sentido e referência, a criança buscará meios de atribuir sentido aos padrões em função do modo como enunciados se relacionam a entidades e eventos – relações pertinentes à interface semântica.

Quanto à questão (5), é consensual, nessa fase, a necessidade de haver restrições à forma das gramáticas das línguas humanas de modo que estas sejam identificáveis.

Qual a natureza dessas restrições? O Princípio da Interpretabilidade Plena (PIP) expressa imposições das interfaces de modo que o resultado da derivação linguística seja uma par “som”-significado, ou seja, as restrições impostas pelo Princípio da Interpretabilidade Plena resultam do fato de uma língua fazer parte da cognição humana e expressar relações semânticas por um meio físico, de forma sistemática a ponto de possibilitar compartilhamento de informação entre os membros de um grupo social.

A concepção de níveis de interface da língua com sistemas de desempenho apresentada no Programa Minimalista (PM) mostra-se compatível com resultados de pesquisa psicolinguística que explora as habilidades de processamento pelos bebês.

Dessa forma, a concepção de língua expressa no PM parece refletir desenvolvimentos teóricos dos diferentes campos que abordam o problema da aquisição da linguagem na tentativa de prover um modelo formal de língua empiricamente adequado como modelo cognitivo (1).

A GU é apresentada, na teoria linguística, como uma teoria do estado inicial da aquisição da linguagem. Esse estado inicial seria rico de informação pertinente à forma das línguas e definiria procedimentos de aprendizagem específicos para esse domínio.

No contexto do PM, o conceito de GU cede espaço para o de faculdade da linguagem (FL), que, em sentido restrito, corresponde ao Sistema Computacional Linguístico (SCL), e em sentido amplo (FLSA), inclui todos os sistemas cognitivos que atuam no desempenho linguístico.

O estado inicial sintetizado no PIP apresenta-se como um complexo de disposições cognitivas e interacionais advindas da configuração do cérebro humano neste estágio de evolução biológica. O que é especificamente linguístico parece estar restrito à possibilidade de traços formais serem representados, sobre os quais o SCL da FL opera. Não é claro o quanto de exposição ao material linguístico seria necessário para que um aparato cognitivo venha a identificar informação como gramaticalmente relevante.

A autora aposta numa FL que inclui um SCL, como uma hipótese promissora sobre procedimentos de aquisição, que envolve o *bootstrapping* do SCL da FL uma vez que classes fechadas são identificadas e relacionadas a classes abertas. Classes fechadas seriam relevantes para a gramática da língua, ativando o SCL disponível, dada a FL. Esse acionamento possibilitaria o *parsing* dos elementos em sequência numa unidade perceptual/linguística.

A sensibilidade de crianças a determinantes e relações de dependência local, como entre determinante e nome, parece compatível com a atuação de um SCL na identificação dos traços formais da língua e de suas propriedades específicas. Sensibilidade a alterações na ordem canônica, advindas de movimento sintático também podem ser detectadas em crianças de 2-3 anos de idade.

Considerando que um princípio universal, Princípio da Interpretabilidade Plena (PIP), garante que toda a informação linguisticamente relevante encontra-se nas interfaces da língua com sistemas de desempenho, a tarefa da criança passa a ser caracterizada como a de identificar o que é considerado como traços formais da língua, particularmente, as propriedades dos traços formais de elementos de categorias funcionais.

Tendo em vista que a língua a que a criança tem acesso é usada em contexto interacional, este fornece informação a ser explorada com relação à interface semântica a partir do estabelecimento de referência a entidades e eventos.

Assim, uma teoria da aquisição da linguagem pode ser construída na forma de um modelo no qual procedimentos de natureza probabilística transformam material acústico em material linguístico a ser processado pelo SCL.

Esta teoria teria de explicar, além do processo de identificação da língua a partir de informação de interface, as demandas específicas que se apresentam à formulação de enunciados linguísticos nos quais elementos funcionais são inicialmente omitidos.

Faz-se necessário um modelo integrado da competência linguística que explicita de que modo a língua virtual é posta em uso na percepção/análise e na formulação de enunciados linguísticos. Desse modo, dados da produção e da percepção/compreensão, que hoje se mostram, por vezes, contraditórios, poderão

ser explicados e, com isso, dificuldades no desenvolvimento linguístico deficitário terão mais chance de se tornarem teoricamente previsíveis.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Através do estudo das teorias dos autores sobre a aquisição da linguagem, que é a proposta deste trabalho - as contribuições, teorias, métodos e experimentos dos autores de cunho racionalista e racionalistas empiristas sobre a aquisição da linguagem dos bebês, de zero a três anos – pôde-se delinear algumas considerações e dados sobre a fundamentação de cada autor estudado.

Em busca do problema da aquisição linguística; o autor, Skinner (1953) propôs que o conhecimento origina-se de um estímulo, resposta condicionada e reforço positivo ou negativo. Fica evidente a corrente behaviorista ou comportamentalista.

Chomsky contrapondo às ideias de Skinner questiona que a aquisição de uma língua não pode ser explicada através de resposta a estímulos, uma vez que a criança é capaz de enunciar palavras e sentenças que não consta em seu *input* linguístico.

Desse modo, Chomsky pressupõe que o ser humano é dotado de uma faculdade específica – a faculdade da linguagem. Essa faculdade é inata, hereditária, inerente ao ser humano. Assim, identifica um componente da mente/cérebro que forma a sintaxe – a gramática gerativa. Sendo que esse componente sintático é crucial. Emerge a teoria racionalista; a partir de Chomsky, pode-se argumentar que nas teorias da aquisição da linguagem é ponto notório e central de que todas as línguas são munidas de princípios universais que constituem a Gramática Universal (GU) (Lust, 2007; Pinker, 2002; Waxman, 2006; Corrêa, 2007; Gleitman, 2007).

Desde então, uma nova direção é instituída no estudo das línguas que se impõe pelo prisma explanatório. Com a evolução dos estudos da aquisição da linguagem, os racionalistas sentiram a necessidade, de aliar o conhecimento à experiência para confirmar as conclusões. Entretanto, para o Modelo do Funcionalismo e Competição - (F&MC) a aquisição não é um problema cognitivo, mas perceptual e motor. O desenvolvimento da linguagem é um processo de emergência a partir de conexões.

Portanto, as abordagens teóricas sobre a aquisição da linguagem têm pontos de vistas diferenciados, mas não negam a GU. Cada abordagem busca compreender como é que se adquire a linguagem. Com a evolução da tecnologia muitas perguntas poderão ser respondidas ou não.

Outros modelos que visam a estudar como acontece a aquisição linguística são, i. a Capacidade de produzir Linguagem (LMC) o qual é munido de princípios universais, mas, diferentemente da Faculdade de Linguagem de Chomsky, esses princípios operacionais são empregados especificamente para o trabalho indutivo sobre estímulos acústicos da língua específica a que a criança é exposta; ii. o de Aprendizado imitativo item-por-item com base no uso. Segundo Tomasello (2000), a criança inicialmente aprende por imitação expressões linguísticas concretas, sem ajuda de princípios linguísticos abstratos. Nessa teoria, o autor observou que em períodos iniciais da aquisição, não aparecem na fala de crianças paradigmas verbais completos; iii. há outros paradigmas intermediários como o de Piaget que demonstrou a insuficiência da interpretação empirista da experiência com uma riqueza de evidências de desenvolvimento.

Cada abordagem busca compreender como é que se adquire a linguagem. O importante é a busca incessante de se compreender este processo, pois ao desvendar todo esse aparato, muitos problemas, como o déficit linguístico, poderão ser resolvidos através de estratégias implementadas pelo conhecimento.

A análise dos autores Waxman (2006) Corrêa (2007), Christophe & Gout (2006) Gleitman (1990), autores da linha gerativista, veio comprovar os princípios da gramática universal _GU como fundamento de suas teorias.

Christophe e Gout (2006) em seus experimentos sobre como o *bootstrapping* prosódico interfere na aquisição da sintaxe e do léxico. Essas autoras propõem sobre o modo de como as pistas prosódicas podem auxiliar na aquisição de alguns aspectos sintáticos, particularmente, das palavras funcionais que, por sua vez, podem ajudar na aquisição do significado das palavras. As autoras utilizam o método de Sucção Não Nutritiva com os bebês e postulam, com relação à segmentação de palavras e postulam que bebês são sensíveis à informação relevante e que, em alguns casos, essa informação é realmente empregada por eles na segmentação de palavras. Essa conclusão de que os bebês são sensíveis à informação relevante ocorre também nos experimentos de Waxman (2006) ao estudar a aquisição de categorias funcionais.

Waxman demonstra como bebês adquirem palavras novas e fazem distinção entre nome, adjetivo e verbo e como o papel modelador exercido pelo meio o qual é essencial. Defende que desde o início da aprendizagem de palavras pelas crianças, os desenvolvimentos conceituais e linguísticos encontram-se fortemente ligados. A autora examinou a origem e o desdobramento desses vínculos.

Segundo a autora parece que a criança começa o processo de aprendizagem de palavras com um tipo de vinculação semântica considerável mais geral do que a que se pode observar em adultos. Esse posicionamento é questionado, uma vez que muitos autores defendem que o *bootstrapping* sintático é mais considerável na tarefa de aquisição de palavras.

Em Corrêa (2007), há a proposição de que se deve aproximar teorias divergentes que possam, de forma consistente, explicar como acontece a aquisição de palavras. Segundo a autora, a teoria linguística assume um aparato para a aquisição da linguagem (*Language Acquisition Device-LAD*), o qual define procedimentos específicos para a identificação de informação gramaticalmente relevante; assim a criança não parte para a identificação de uma gramática que não tem as propriedades das gramáticas das línguas naturais (CHOMSKY, 1990; LUST, 2007; CHRISTOPHE; GOUT, 2006; WAXMAN, 2006; GLEITMAN, 1990).

A autora afirma que é necessário um modelo integrado da competência linguística que explicita de que modo a língua virtual é posta em uso na percepção/análise e na formulação de enunciados linguísticos.

Em Gleitman (1990), há a discussão em torno da aquisição de significados de verbos. A questão importante para ela está em como o aprendiz decide qual objeto fonológico particular corresponde ao conceito de determinado verbo. Gleitman demonstra haver uma insuficiência de informação oferecida apenas pela observação para os significados dos verbos. A possibilidade de recorrer à sintaxe para inferir o significado dos verbos proporcionaria à criança um desencadeamento sintático que passaria a subsidiar – e que alavancaria – a aquisição lexical. Gleitman defende que a sintaxe possui um papel ativo e importante no processo de aquisição do léxico, contrapondo as ideias de Pinker (1987) que postula ser aquisição do léxico guiada pela semântica. Portanto, as teorias e hipóteses aqui analisadas demonstram que o *input* recebido é insuficiente para a aquisição da linguagem.

5 METODOLOGIA

O presente estudo teve um delineamento descritivo e tem enfoque na pesquisa exploratória a qual envolve levantamento bibliográfico. (GIL, 1991). Desse modo, a realização desta pesquisa demanda a utilização de uma abordagem metodológica que permita compreender, em primeiro lugar, a opção metodológica pela abordagem qualitativa, pois, segundo Bogdan e Birklen (1994), ela é mais apropriada para a investigação de temas e questões sobre as quais se sabe ainda muito pouco. A escolha dessa abordagem justifica-se por estar mais “*interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados.*” (ANDRÉ, 1995, p. 52).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da aquisição da linguagem, na perspectiva racionalista, revolucionou este campo, que outrora se fazia pelas observações assistemáticas, sem um rigor científico. O estudo da aquisição da linguagem visa compreender como o bebê, ser ainda não falante adquire sua língua materna. Assim, cabe a teoria da linguagem explicar como isso ocorre. Estudos vêm evidenciando de que a criança é capaz de extrair informações relevantes dentro do contexto linguístico a que é exposta. A teoria linguística assume que as línguas naturais constituem informação que faz parte da dotação biológica da espécie. Chomsky (1990) pressupõe que o ser humano é dotado de uma faculdade específica – a faculdade da linguagem. Essa faculdade é inata, hereditária, inerente ao ser humano. Dessa forma, os estudos sobre a aquisição linguística concebem que as línguas naturais são dotadas de um princípio, a gramática universal (GU).

Na perspectiva da linha gerativista, os princípios são responsáveis pelos aspectos gerais a todas as línguas naturais e os parâmetros explicam essa variação. Porém, há evidências de uma controvérsia entre as ideias de Pinker (*bootstrapping* semântico) e de Gleitman (*bootstrapping* sintático).

Diante do quadro apresentado, percebe-se que os estudos evoluíram com relação à aquisição da linguagem, há muitos experimentos com abordagens diferentes, mas que podem ser entrelaçados para uma ideia mais abrangente sobre o processo da aquisição da linguagem. Há muitas postulações sobre a aquisição da linguagem, porém há ainda questionamentos por parte de outras linhas de pesquisa.

Portanto, lacunas deverão ser preenchidas, mas a despeito das adversidades, a aquisição da linguagem se tornou um campo fértil para o desenvolvimento da linguística cognitiva que tenta resolver problemas linguísticos na aprendizagem da língua-alvo. Portanto, as teorias, hipóteses e experimentos analisados, neste estudo; procuraram responder os objetivos a que se propuseram, mas como toda teoria científica, estão passíveis de questionamentos.

Finalizando, espera-se que os estudos sobre a aquisição da linguagem cheguem a consenso na busca do desvendamento de suas questões cruciais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografiada prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Ed., 1994.

CORRÊA, L. M. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, mar. 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GLEITMAN, Lila. The structural sources of verb meanings. **LanguageAcquisition.** 1990.

GOUT, A.; CHRISTOPHE, A. O papel do bootstrapping prosódico na aquisição de sintaxe e do léxico. In: CORRÊA, L. M. S. (Org.). **Aquisição da linguagem e problema do desenvolvimento linguístico.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

LUST, Barbara. **Child Language – acquisition and growth.** Cambrid University Press, 2007.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem.** Martins Fontes, 2002.

WAXMAN, S. R. Tudo tinha um nome e de cada nome nascia um novo pensamento: vínculos entre aprendizagem de palavras e organização conceptual no início da aquisição da linguagem. In: CORRÊA, L. M. S. (Org.). **Aquisição da linguagem e problema do desenvolvimento linguístico.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2006.